

*Vir bonus peritissimus aequē.*

**Estudos de homenagem  
a  
Arnaldo do Espírito Santo**

**Maria Cristina Pimentel  
Paulo Farmhouse Alberto  
(eds.)**

**Centro de Estudos Clássicos**

**LISBOA  
2013**

**Título:**

*Vir bonus peritissimus aeque.*

Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

**Edição de:**

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

**Revisão:** Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

**Publicado por:**

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa – Portugal

Tel.: (351) 217 920 005

Fax: (351) 217 920 080

E-mail: [centro.classicos@fl.ul.pt](mailto:centro.classicos@fl.ul.pt)

Website: <http://www.fl.ul.pt/cec>

**Paginação e impressão:**

Grifos – Artes Gráficas, Lda.

**Capa:** Paulo Pereira

**Foto de capa:** José Furtado

**Número de exemplares:** 500

**Lisboa | 2013**

**ISBN:** 978-972-9376-29-0

**Depósito Legal:** 366077/13

## *Aliquid Magnum: a “épica” de Marcial*

ANA MARIA LÓIO

Centro de Estudos Clássicos da  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
analoio@campus.ul.pt

Há muito se reconhece em Marcial uma atitude subversiva relativamente à tradição greco-latina em que trabalha, em uma tentativa de desconstrução da hierarquia genérica “clássica”, ou melhor, dos valores que a sustentam<sup>1</sup>. Nobilitar o epigrama passa pelo comentário de aspectos que tradicionalmente definem um género: os seus modelos literários, a sua inspiração, a finalidade, a forma e o conteúdo, o estilo, a relação com o público. Com tal objectivo terá Marcial procurado dar uma designação e um texto canónico àquilo que eram *nugae, ludi, ioci*<sup>2</sup>. Elemento igualmente importante é a manifestação do desejo de que a sua obra seja integrada nas bibliotecas de Júlio Marcial (7.17) e Estertínio Avito (9 *prae*f.) – um passo no sentido da sobrevivência, assim como constitui ameaça à poesia de Ovídio o barramento da entrada nas bibliotecas públicas de Roma<sup>3</sup>. Além disso, é de salientar o papel desempenhado por adjectivos do campo lexical dos tamanhos em grande parte dos epigramas que discutem matérias literárias<sup>4</sup>. Partindo da sua ocorrência em um desses epigramas, 1.107, proponho estudar a relevância de um desses adjectivos, *magnum*, na construção do perfil de Marcial como autor de livros de epigramas, ambição comparável, no seu entender, à de compor poesia nos géneros mais nobres.

---

<sup>1</sup> J. SULLIVAN, “Martial”, *Ramus*, 16, 1987, pp. 177-91, nas pp. 178-80; A. SPISAK, “Martial’s Special Relation with his Reader”, *Studies in Latin Literature and Roman History*, 8, 1997, pp. 352-63, na p. 360. Semelhante ideia apresenta J. GARTHWAITE, “Patronage and poetic immortality in Martial book 9”, *Mnemosyne*, 51, 1998, pp. 161-75, na p. 161.

<sup>2</sup> Ver M. PUELMA, “Epigramma. Osservazioni sulla storia di un termine greco-latino”, *Maia*, 49, 1997, pp. 189-213, na p. 208.

<sup>3</sup> É o caso do livrinho dos *Tristia*, obra paradigmática para Marcial. Notem-se os ecos ovidianos no epigrama 7.17, uma das composições em que Marcial aborda a questão da sua pervivência.

<sup>4</sup> Em outro estudo, procurei defender que os epigramas falados por obras literárias – 10.1 e, possivelmente, 14.183 – se podem contar entre aqueles que manifestam tal atitude: *Ego Liber: livros que falam no epigrama latino*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 2012.

## 1. *Aliquid magnum*

Saepe mihi dicis, Luci carissime Iuli,  
 ‘scribe aliquid magnum: desidiosus homo es.’  
 Otia da nobis, sed qualia fecerat olim  
 Maecenas Flacco Vergilioque suo:  
 condere uicturas temptem per saecula curas  
 et nomen flammis eripuisse meum.  
 In steriles nolunt campos iuga ferre iuuenti:  
 pingue solum lassat, sed iuuat ipse labor.  
 (Mart. 1.107 Lindsay)

Ao centésimo sétimo epigrama de um dos mais extensos livros que haveria de escrever, Marcial defende-se da acusação de *desidia*<sup>5</sup>. Lúcio Júlio assume o papel dos Telchines no prólogo dos *Aetia*, em que o primeiro dístico se inspira – πολλάκι μοι Τελχίνες ἐπιτρύζουσιν ᾠοδῇ (1.1 Harder)<sup>6</sup> –, incentivando-o a escrever *aliquid magnum* (v. 2)<sup>7</sup>. A estratégia da resposta a uma censura é a mais frequente forma de exposição metapoética em Marcial, criando um universo ficcional de críticos que, convenientemente, interpellam o epigramatista sobre as questões a respeito das quais lhe interessa tomar uma posição<sup>8</sup>. Ora, este opositor não se apercebe de que a sua crítica é despropositada. Marcial abalançara-se já ao seu projecto poético revolucionário – tornar grande o que é pequeno, compondo livros de epigramas; por outras palavras, criar *aliquid magnum*.

O epigrama é, por definição e nas várias acepções que o adjectivo encerra, o contrário de *magnum*, vocábulo central no poema 1.107 e na poética do epigramatista. Formalmente, trata-se de um texto “curto”, seja qual for o entendimento que se fizer

<sup>5</sup> Indispensável a consulta de M. CITRONI, *M. Valerii Martialis epigrammaton liber primus*, Firenze, 1975, pp. 326-28; L. ROMAN, “The Representation of Literary Materiality in Martial’s Epigrams”, *Journal of Roman Studies*, 91, 2001, pp. 113-45, nas pp. 140-2. No que respeita à acusação feita a Marcial, ver também os epigramas 8.3 e 10.70.

<sup>6</sup> Calímaco era, para os *Telchines*, *desidiosus*: ἔπος δ’ ἐπὶ τυτθὸν ἐλίσσω | παῖς ἄτε, τῶν δ’ ἐτέων ἡ δεκάς οὐκ ὀλίγη (1.5-6 Harder); ver P. KNOX, “An unnoticed imitation of Callimachus, Fr. 1.1 Pf.”, *Classical Quarterly*, 56, 2006, pp. 639-40, na p. 640. Sobre a lição πολλάκι ver A. HARDER, *Callimachus. Aetia*, vol. 2, Oxford, 2012, pp. 12-13; A. BARCHIESI, “The Search for the Perfect Book: A PS to the New Posidippus”, in K. GUTZWILLER (ed.), *The New Posidippus. A Hellenistic Poetry Book*, Oxford, 2005, pp. 333-4 com bibliografia.

<sup>7</sup> Semelhante conselho dá Tito a Marcial em 1.17.1-2: “cogit me Titus actitare causas| et dicit mihi saepe ‘magna res est’.” Ver CITRONI, *M. Valerii Martialis...*, pp. 68-9.

<sup>8</sup> Em muitos casos, os nomes dos críticos põem a nu o seu carácter instrumental na discussão de poética: por exemplo, *Velox* acusa Marcial de ser excessivamente breve (1.110) e Gauro (“arrogante”, “desdenhoso”) mostra-se “inchado de orgulho” pelas suas qualidades de poeta (9.50). Sobre a possibilidade de os nomes esconderem figuras reais, ver GARTHWAITE, “Patronage and poetic immortality...”, p. 168; sobre nomes em Marcial, ver bibliografia de A. CANOBBIO, “Epigrammata longa e breves libelli. Dinamiche formali dell’epigramma marzialiano”, in A. MORELLI (ed.), *Epigramma longum: da Marziale alla tarda antichità = Epigramma longum: from Martial to late antiquity. Atti del convegno internazionale, Cassino, 29-31 maggio 2006*, Cassino, 2008, 169-93, na p. 170, n. 5; R. PAVANELLO, “Nomi di persona allusivi in Marziale”, *Paideia*, 49, 1994, pp. 161-78; na colectânea J. BOOTH & R. MALTBY, *What’s in a Name? The Significance of Proper Names in Classical Latin Literature*, Swansea, 2006, ver os contributos de D. Vallat e N. Holzberg (pp. 121-43, 145-57).

do termo<sup>9</sup>; e o seu carácter utilitário, ocasional, afasta-o da obra literária destinada à fruição estética, negando-lhe a grandiosidade a que o adjectivo também alude. Em conformidade, o epigrama é tomado por empresa poética fácil e desprezível. Este quadro crítico mostra, pois, o humilde estatuto do epigrama na Roma contemporânea, onde uma clara tendência classicizante continua a incentivar épicas ao estilo virgiliano, como a *Tebaida* e a *Aquileida* de Estácio. Com efeito, a dedicação a outros tipos de poesia, considerada “menor”, suscita nos seus autores a necessidade de justificarem a sua opção estética. Assim faz Estácio no prefácio ao primeiro livro das *Silvas*, referindo-se à sua prática nessa obra mediante o verbo *praeludere* e situando-se na poesia *stilo remissiore*: Estácio equipara a humildade da sua produção poética à do próprio epigrama, deixando claro o sentido depreciativo da comparação<sup>10</sup>. O mesmo sucede no prefácio a *Silvas* 2, onde chama às suas colecções “libellos quasi epigrammatis loco scriptos”. No prefácio a *Silvas* 4, a defesa de Estácio, em vários aspectos reminiscente da de Marcial, responde à crítica que recai sobre a decisão de publicar poemas ocasionais, isto é, sobre o próprio acto de editar, em livro, a sua poesia “menor”<sup>11</sup>. Tal atitude vai ao encontro da de Plínio, que se sente obrigado a defender-se de alegadas críticas ao seu gosto por este tipo de composição: Plínio escuda-se na longa tradição de escrita de epigramas por grandes homens, sejam eles poetas, oradores ou políticos, e inclusivamente *principes*; esforça-se por mostrar que se trata de uma ocupação ocasional; associa-a a momentos de lazer, por oposição a projectos poéticos sérios (refere-se à acção de compor epigramas como *rideo iocor ludo*); quando não possui mais argumentos, alega que compor epigramas, essa (criticável) distração inspirada pela última das Musas<sup>12</sup>, é, afinal, uma fraqueza humana, que “ataca”, recorde-se, até os mais poderosos e os mais eruditos<sup>13</sup>.

Na obra de Marcial, o valor do epigrama enquanto literatura constitui tema omnipresente, justificando a construção de uma escala genérica no último livro:

Scribamus epos; coepisti scribere: cessi,  
Aemula ne starent carmina nostra tuis.  
Transtulit ad tragicos se nostra Thalia cothurnos:  
Aptasti longum tu quoque syrma tibi.  
Fila lyrae moui Calabris excultra Camenis:

<sup>9</sup> Refiro-me à fértil polémica a respeito do conceito de epigrama e do fenómeno do *epigramma longum*. A colectânea *Epigramma Longum* (ver nota anterior) dedica uma larga parte ao problema em Marcial. A composição 1.107 é a primeira da colecção numerada em que se aborda a oposição entre poesia dita “maior” e forma pequena.

<sup>10</sup> Stat. *Silu.* 1 praef. Courtney: “sed et Culicem legimus et Batrachomachiam etiam agnoscimus, nec quisquam est inlustrium poetarum qui non aliquid operibus suis stilo remissiore praeluserit”.

<sup>11</sup> Stat. *Silu.* 4 praef. ll. 24-31 Coleman: “quare ergo plura in quarto Silurarum quam in prioribus? ne se putent aliquid egisse qui reprehenderunt, ut audio, quod hoc stili genus edidissem. primum superuacuum est dissuadere rem factam. deinde multa ex illis iam domino Caesari dederam. et quanto hoc plus est quam edere! exerceri autem ioco non licet? ‘secreto’ inquit. sed et sphaeromachia spectantes et palaris lusio admittit. nouissime: quisquis ex meis inuitus aliquid legit, statim se profitetur aduersum. ita quare consilio eius accedam?” Ver K. COLEMAN, *Statius. Silvae IV*, London, 2001, pp. 53-5, 58-9.

<sup>12</sup> Ou seja, a nona, que é a Musa da comédia (com M. CITRONI, “Motivi di polemica letteraria negli epigrammi di Marziale”, *Dialoghi di Archeologia*, 2, 1968, pp. 259-301, na p. 261).

<sup>13</sup> Plin. *Ep.* 5.3.2-3: “facio non numquam uersiculos seueros parum, facio; nam et comoedias audio et specto mimos et lyricos lego et Sotadicos intellego; aliquando praeterea rideo iocor ludo, utque omnia innoxiae remissionis genera breuiter amplectar, homo sum. Nec uero moleste fero hanc esse de moribus meis existimationem, ut qui nesciunt talia doctissimos grauissimos sanctissimos homines scriptitasse, me scribere mirentur”. Sobre a justificação de Plínio ver CITRONI, “Motivi di polemica...”, pp. 261-3.

Plectra rapis nobis, ambitiose, noua.  
 Audemus saturas: Lucilius esse laboras.  
 Ludo leuis elegos: tu quoque ludis idem.  
 Quid minus esse potest? epigrammata fingere coepi:  
 Hinc etiam petitur iam mea palma tibi.  
 Elige quid nolis — quis enim pudor, omnia uelle? —  
 Et si quid non uis, Tucca, relinque mihi.  
 (Mart. 12.94)

Em 12.94, Tuca supera Marcial em todos os géneros que pratica, obrigando-o a ir descendo na escala, ou seja, a optar sucessivamente pela prática de um género inferior: “scribebamus **epos**” (1) > “transtulit ad **tragicos** se nostra Thalia **cothurnos**” (3) > “fila **lyrae** moui” (5) > “audemus **saturas**” (7) > “ludo leuis **elegos**” (8) > “**epigrammata** fingere coepi” (9). Chegando ao último género, Marcial é finalmente insuperável; a palma é sua: “Quid minus esse potest? Hinc etiam petitur iam mea palma tibi” (10). Tal hierarquia é muito semelhante à que Apro apresenta no *Diálogo sobre os Oradores*, onde não surpreende que *lusus* seja o termo aplicado ao epigrama<sup>14</sup>. Marcial apresenta, porém, uma interpretação muito peculiar da hierarquia. Nem mesmo o poeta que domine todos os outros géneros o supera no domínio epigramático. Colocam-se aqui duas questões: por um lado, a da qualidade de Marcial enquanto poeta; por outro, a do valor do epigrama enquanto poesia.

Ora, regressando ao poema 1.107, uma leitura do primeiro epigrama da colecção teria bastado para esclarecer Lúcio Júlio, fosse este um leitor ao nível da *argutia* da obra que deprecia. Marcial dedica-se a escrever *aliquid magnum*:

Hic est quem legis ille, quem requiris,  
 toto notus in orbe Martialis  
argutis epigrammaton libellis  
 cui, lector studiose, quod dedisti  
uiuenti decus atque sentienti,  
rari post cineres habent poetae.  
 (Mart. 1.1)

Aliás, sob o seu ponto de vista, a grandeza da obra reflecte-se na grandeza do seu sucesso como poeta. Desafiando o tipo de afirmações orgulhosas que encontramos em poetas de “alto nível”, Marcial salienta ter conseguido em vida uma fama que poucos granjeiam após a morte. Naquele epigrama, significativamente colocado à cabeça da colecção<sup>15</sup>, Marcial havia determinado a que é que se deve tal fama. O poeta não é co-

<sup>14</sup> Tac. *Dial.* 10.4: “... nec solum coturnum uestrum aut heroici carminis sonum, sed lyricorum quoque iucunditatem et elegorum lasciuias et iamborum amaritudinem et epigrammatum lusus et quamcumque aliam speciem eloquentia habeat, anteponendam ceteris aliarum artium studiis credo”. Ver também Hor. *Epist.* 1.3.6-14 e a lista canónica de livros de autores gregos e latinos em Quintiliano, *Inst.* 10; P. FEDELI – I. CICCARELLI, *Q. Horatii Flacci Carmina liber IV*, Firenze, 2008, pp. 418-19. A escala de Marcial diverge da de Apro na colocação da sátira entre a lírica e a elegia.

<sup>15</sup> Seja qual for a história do epigrama 1.1, interessa que este tenha sido seleccionado pelo poeta para abrir o primeiro livro numerado. Ver D. FOWLER, “Martial and the book”, *Ramus*, 24, 1995, pp. 31-58, 33. Sobre o que significaria “ser lido por todos”, ver M. CITRONI, “I destinatari contemporanei. 5. Le nuove estensioni del pubblico letterario”, in G. CAVALLO – P. FEDELI – A. GIARDINA (eds.), *Lo Spazio Letterario di Roma Antica. 3: La Ricezione del Testo*, Roma, 1990, pp. 100-16.

nhecido pelos seus epigramas, mas sim pelos seus *livrinhos de epigramas*. Almeja, pois, apresentar-se como autor de macrotextos, pretendendo ser valorizado dessa maneira<sup>16</sup>. Para o poeta, a diferença entre escrever epigramas e escrever livros de epigramas é radical e determinante<sup>17</sup>, como deixa claro (por exemplo) em um poema do livro 7: “Facile est epigrammata belle| scribere. Sed librum scribere difficile est” (Mart. 7.85). Compor epigramas pode ser prática de qualquer diletante, um entretenimento de eruditos; já criar livros de epigramas exige a perícia de um grande poeta, não sendo trabalho para um amador. E não é o bom livro de epigramas que é difícil compor – é compor, de todo, um livro de epigramas. É este o grande desafio de Marcial, o ambicioso projecto poético para o qual chama tantas vezes a atenção ao longo da obra.

No epigrama 1.1, os livros são caracterizados como *arguti* (3), que o epigramatista aplica com sentido laudatório a Catulo e Tibulo (Mart. 6.34.7-8, 8.73.7) e que figura na curta definição de “epigrama” que encontramos em Plínio (“carmen argutum et breue”, Ep. 7.9.9). A Marcial interessou a polissemia da palavra. Ora, o termo evoca qualidades de nível sonoro e também intelectual – sagacidade, inteligência, brilhantismo (cf. OLD 6) –, além de se aplicar ao que é “pieno di spirito”<sup>18</sup>. É interessante notar que nos *Tristia* encontramos *argutis... libellis* no mesmo caso que em Marcial 1.1.3:

Haec meus *argutis*, si tu paterere, *libellis*  
poneret in multa luce uidenda labor.  
(Ov. Tr. 5.9.23-24)

O sintagma designa o fruto do *labor* com que Ovídio cantaria o amigo a quem endereça aquela missiva, a qual haveria de eternizá-lo. O passo ovidiano, tenha ou não inspirado o de Marcial, ajuda a discernir que a obra do epigramatista possui os atributos que agradariam a Lúcio Júlio: a qualidade da poesia imortalizante e exemplar, a extensão de um poema livresco. Tudo isto apesar de ser... epigrama.

## 2. Entre Marso e Vergílio

O epigrama 1.107 consiste em um exercício na esteira das *recusationes*<sup>19</sup> augustanas. No segundo dístico, o poeta invoca a falta de um Mecenas como justificação para não escrever poesia imortal: Marcial não pode ser um Horácio nem um Vergílio (v. 4) porque lhe falta o *otium* que o protector lhes proporcionava. Se dele gozasse, abalançar-se-ia a cantos que escapam ao tempo, como o monumento lírico de Horácio (v. 5) e, subentende-se pela alusão ao episódio da morte de Vergílio, comporia uma épica que não votaria às chamadas (v. 6), superando portanto o épico latino por excelência. Mas significa isto que Marcial, apoiado por um Mecenas, se transformaria em um Vergílio?

<sup>16</sup> CANOBBIO, “Epigrammata longa e breves libelli”, p. 186.

<sup>17</sup> Esta diferença aplica-se igualmente ao acto de leitura, como fica claro em Mart. 2.6: Severo faz-se acompanhar de epigramas de Marcial para todo o lado, mas não suporta a leitura de um livro de epigramas, ainda que “magro”.

<sup>18</sup> CITRONI, *M. Valerii Martialis...*, p. 15.

<sup>19</sup> KNOX, “An unnoticed imitation...”, 640. Ver ainda CITRONI, *M. Valerii Martialis...*, p. 326; RO-MAN, “The Representation of Literary Materiality...”, p. 141.

Anos mais tarde, no livro 8, o poeta responde a esta pergunta. No longo epigrama 8.55<sup>20</sup>, Marcial esclarece, uma vez mais, que os seus tempos não produzem um Vergílio porque não há um Mecenas. O epigramatista apresenta uma versão da vida do épico segundo a qual Mecenas lhe oferece o escravo Aléxis (o da segunda Écloga) e o poeta, apaixonando-se por ele, começa a compor a epopeia nacional. O paradoxo é que Aléxis inspira uma épica, não poesia elegíaca. A inverosimilhança da história<sup>21</sup> convida o leitor a reflectir sobre os motivos que verdadeiramente levaram Vergílio a enveredar pela poesia “séria” e deixa claro que as suas maiores realizações poéticas nasceram sob a protecção da riqueza de Mecenas<sup>22</sup>. Então, que aconteceria se houvesse um Mecenas? Se Flaco o apoiasse, sugere Marcial em 8.55, também ele poderia lançar-se a grandes aventuras poéticas. Estas não iriam, todavia, no sentido da emulação de um Vergílio ou de um Horácio; o poeta adequaria o seu caminho aos novos tempos, escolhendo outro paradigma<sup>23</sup>:

Quid Varios Marsosque loquar ditataque uatum  
nomina, magnus erit quos numerare labor?

Ergo ero Vergilius, si munera Maecenatis  
des mihi? Vergilius non ero, **Marsus ero.**

(Mart. 8.55.21-4)

Mais do que o que Marcial insinua sobre a influência de um Mecenas na qualidade da poesia, interessa-nos o facto de o poeta minar o padrão da *recusatio*: se as circunstâncias fossem diferentes, Marcial continuaria a ser um epigramatista, um Marso<sup>24</sup>. Ora, o poeta Domício Marso, possivelmente contemporâneo de Ovídio, é evocado várias vezes por Marcial como um dos fundadores do epigrama latino e como seu modelo, a par de Catulo, Albinovano Pedão e Getúlico<sup>25</sup>; nele escuda a *lasciua lingua* dos seus epigramas

<sup>20</sup> Sobre 8.55 ver A. CANOBBIO, “Il libro VIII di Marziale e la ricerca di una identità augustea”, in F. GASTI – G. MAZZOLI, *Modelli Letterari e Ideologia nell’Età Flavia. Atti della III Giornata Ghisleriana di Filologia Classica* (Pavia, 30-31 ottobre 2003), Pavia, 2005, pp. 127-162; NAUTA, “Literary History in Martial”, in A. BONADEO – E. ROMANO (eds.), *Dialogando con il passato: permanenze e innovazioni nella cultura latina di età flavia*, Grassano (Firenze), 2007, pp. 1-17, 9-10; R. NAUTA, *Poetry for Patrons: Literary Communication in the Age of Domitian*, Leiden, 2002, pp. 78-87; S. LORENZ, “Die Schlussequenz: Nerva und Trajan in den Büchern 11, 210 und 12”, *Erotik und Panegyrik: Martials epigrammatische Kaiser*, Tübingen, 2002, pp. 209-46, nas pp. 176-181; S. LORENZ, “Dichterzitate bei Martial”, *Latomus* 60, 2010, pp. 410-28, nas pp. 414-17.

<sup>21</sup> Ver F. GREWING, *Martial, Buch VI. Ein Kommentar*, Göttingen, 1997, pp. 442-3.

<sup>22</sup> Com CANOBBIO, “Epigrammata longa e breves libelli”, pp. 148-9.

<sup>23</sup> Sobre a hipótese de o final de Mart. 10.1.2 fazer eco de Mart. 8.55.24, ver LÓRO, *Ego Liber...*, p. 318.

<sup>24</sup> Domício Marso seria um homem próximo do poder, mantendo talvez uma relação antiga com Octaviano, já em 45 a. C., muito antes de Horácio ou Vergílio o conhecerem. Podem fornecer pistas cronológicas os dois poemas dos *Epigrammata Bobiensia* que lhe são atribuídos: *Ep. Bob.* 39 (=8 Courtney) situa Marso entre Júlio César e 31 a. C.; *Ep. Bob.* 40 (=9 Courtney) é um epigrama funerário dedicado a Átia, mãe de Octaviano, que morre em 43 a. C. Por ter conhecido Séneca (o jovem), julga-se que Marso seria mais novo do que Ovídio; o nome de Marso surge em uma lista de contemporâneos do elegíaco (*Pont.* 4.16.5). Ver C. H. LANGE, *Res publica constituta. Actum, Apollo and the Accomplishment of the Triumviral Assignment*, Leiden, 2009, pp. 45, 259; ver a introdução à edição comentada dos fragmentos de Domício Marso em A. HOLLIS, *Fragments of Roman Poetry c. 60 BC/AD 20*, Oxford, 2007, pp. 300-13; E. COURTNEY, *The Fragmentary Latin Poets*, Oxford, 1993, pp. 300-5.

<sup>25</sup> Em 5.5.5-6, Marcial ambiciona ver os seus livrinhos junto aos dos grandes epigramatistas, entre os quais Marso; este surge ainda associado a Catulo em 2.71.1-3.



(1 *praef.* 4) e a extensão que muitos parecem criticar (2.77.5-6); e Marso pode ter sido verdadeiramente relevante para o desenvolvimento do epigrama latino, já que o seu *De Urbanitate* é mencionado por Quintiliano quando discute a importância da *breuitas*<sup>26</sup>.

Em 7.29, Marcial insinuara já uma relação entre Mecenas e Domício Marso. Empenhado em chamar a atenção de Téstilo para os seus epigramas, Marcial apresenta como exemplo o interesse que Mecenas havia dispensado a Marso, ainda que Vergílio existisse: “Et Maecenati, Maro cum cantaret Alexin, | nota tamen Marsi fusca Melaenis erat” (7-8). Em 8.55, o epigramatista vai mais longe. Marso vem associado a Vergílio, Vário e Horácio, integrando assim a lista de “protegidos” de Mecenas. Por isso, o epigrama foi frequentemente lido como fonte histórica, ou seja, como testemunho de que Marso terá pertencido a tal “círculo”. Na minha opinião, Marcial terá “fabricado” uma relação entre o pioneiro romano do epigrama, Marso, e o grande patrono da poesia latina, Mecenas, com um objectivo claro: nobilitar o género<sup>27</sup>. Todavia, mais importante do que o carácter real ou fictício desta relação parece-me ser a ideia de que Marso tenha composto uma épica, *Amazonis*; esta, e não (obviamente) a produção epigramática, justificaria o apoio de Mecenas. Ora, tal “informação” foi extraída de um dístico de Marcial: “Saepius in libro numeratur Persius uno | quam leuis in tota Marsus Amazonide” (4.29.7-8). Com Cameron, julgo que a designação *Amazonis* serve o propósito de criticar a prolixidade de Domício Marso; e não me parece paradoxal que o epigramatista critique, neste dístico, aquele que tantas vezes elogia como seu modelo. Recorde-se que, em uma leitura que tem vindo a ganhar aceitação, também Calímaco encontra em Antímaco um importante precursor, embora tenham ficado célebres as críticas que lhe dirige<sup>28</sup>. Assim, a inexistência de uma épica da autoria de Marso favorece o argumento de Marcial, dando-lhe, de facto, sentido. Mecenas teria reconhecido no autor de epigramas o talento que vislumbrara em Vergílio ou Horácio; quer dizer, o género epigramático seria suficientemente nobre para pôr a descoberto o dom de um grande poeta. Além disso, como propõe Canobbio, Marso serve como um exemplo da relação entre mecenatismo e epigrama na corte, papel que Catulo não poderia desempenhar. Com efeito, no livro 8, dedicado a Domiciano, Marcial insiste na ideia de que o género epigramático é dotado de um alto perfil literário. Tal insistência é coerente com o desejo de que o *princeps* se torne um “novo Augusto”<sup>29</sup> – e apenas poesia excelente justifica a excelência do patrocínio.

\*

<sup>26</sup> Quint. *Inst.* 6.3.104: “urbanitas est uirtus quaedam in breue dictum coacta et apta ad delectandos mouendosque homines in omnem adfectum animi, maxime idonea ad resistendum uel lacessendum, prout quaeque res ac persona desiderat.” Ver E. RAMAGE, “The *De Urbanitate* of Domitius Marsus”, *Classical Philology*, 54, 1959, pp. 250-5.

<sup>27</sup> S. N. BYRNE, “Martial’s fiction: Domitius Marsus and Maecenas”, *Classical Quarterly*, 54, 2004, pp. 255-65, na p. 256 (ver p. 260 contra a hipótese de Marso ter composto uma épica). Ver ainda NAUTA, “Literary History in Martial”, p. 11, que considera que a relação entre Marso e Mecenas não foi necessariamente inventada. Os poemas que mencionam Mecenas e o patrocínio de poetas são: Mart. 1.107.3-6, 7.29.7-8, 8.55, 11.3.9-10, 12.3.1-4 (neste poema, Marcial diz ter encontrado um Mecenas na Hispânia: Terêncio Prisco).

<sup>28</sup> Sobre esta polémica ver A. CAMERON, *Callimachus and his Critics*, Princeton, 1995, pp. 310-12; HOLLIS, *Fragments of Roman Poetry*, 306; N. KREVANS, “Fighting against Antimachus: The *Lyde* and the *Aetia* Reconsidered”, M. A. HARDER – R. F. REGTUIT – G. C. WAKKER, *Callimachus*, Groningen, 1993, pp. 149-60.

<sup>29</sup> CANOBBIO, “Epigrammata longa e breues libelli”, pp. 151-2; NAUTA, “Literary History in Martial”, pp. 12-14.

Marcial parece sugerir que o (pequeno) gênero epigramático possui um potencial subvalorizado até ao momento, podendo oferecer poesia de grande valor. Se pode assinalar uma ocasião, ter uma utilidade e destinar-se a uma função imediata, também pode servir de palco onde exhibir as qualidades de um grande poeta; e, oferecendo um momento poético breve e contido, constitui, simultaneamente, a base com que se constrói o edifício que é o livro de epigramas. Marcial detém, pois, a capacidade de identificar e desenvolver exponencialmente um potencial inexplorado do epigrama latino. Daí que insista em apresentar o epigrama como uma forma extraordinariamente ágil, tão apta a assinalar a insignificância quotidiana como a erigir um monumento mais perene que o bronze – ou seja, ironicamente, *aliquid magnum*.

## ÍNDICE

<i>De amicitia loquamur</i> . . . . .	5
MARIA CRISTINA PIMENTEL, PAULO F. ALBERTO	
Tabula Gratulatoria . . . . .	9
<i>Curriculum vitae</i> de Arnaldo Monteiro do Espírito Santo . . . . .	25
Contribuições de Arnaldo do Espírito Santo para o estudo da História . . . . .	59
JOSÉ MATTOSO	

### Secção I – Antiguidade Pré-clássica e Clássica

Em volta da <i>Eneida</i> . . . . .	65
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA	
O sentido de <i>Dike</i> no poema <i>Trabalhos e Dias</i> de Hesíodo . . . . .	75
JOAQUIM PINHEIRO	
Aríon e o golfinho. Notas sobre a construção de uma lenda . . . . .	85
CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO	
O banho de Aquiles nas águas do Estige. Reflexão breve sobre a origem e fortuna de um tema clássico . . . . .	93
LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA	
Variações rítmicas no trímetro sofoclano: dos <i>stiphe</i> com palavras-chave . . . . .	103
CARLOS MORAIS	
Lirismo a metro ou nova estética euripídiana? As Odes Corais de <i>Fenícias</i> . . . . .	111
SOFIA FRADE	
As leis comuns dos Helenos nas <i>Suplicantes</i> de Eurípides . . . . .	123
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA	
Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos . . . . .	133
ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA	
O crime político das mulheres de Lemnos. De Apolónio de Rodes a Valério Flaco . . . . .	143
FRANCISCO OLIVEIRA	
Zeus nos <i>Fenómenos</i> de Arato: um deus democrata? . . . . .	157
FOTINI HADJITTOFI	

Utopia, paradoxografia e tradição literária nos <i>Incredibilia de Thule Insula</i> de António Diógenes .....	165
JOSÉ CARLOS ARAÚJO	
As jogadas de Sólon e a esperteza dos Atenienses: Plutarco e o uso irónico da teatralidade e das metáforas na <i>Vita Solonis</i> .....	175
DELFIN F. LEÃO	
O recém-nascido em Sorano de Éfeso .....	187
CRISTINA SANTOS PINHEIRO	
La “patria” romana .....	195
CARMEN CODOÑER	
<i>Oblitus fatorum</i> : memória e esquecimento na <i>Eneida</i> .....	203
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	
Aspectos da construção da viagem na <i>Eneida</i> de Virgílio: <i>fatum</i> , conhecimento, incidente e obstáculo .....	215
CLÁUDIA TEIXEIRA	
Herodes-o-Grande na <i>Eneida</i> ? Nota a Verg. <i>Aen.</i> 8.642-645 .....	221
NUNO SIMÕES RODRIGUES	
Ercole, fra Antonio e Augusto (Prop. 4,9) .....	229
PAOLO FEDELI	
Tiempo mítico y espacio real en la poesía ovidiana del destierro .....	239
CARLOS DE MIGUEL MORA	
<i>Aliquid Magnum</i> a “épica” de Marcial .....	247
ANA MARIA LÓIO	
Pertinenza della similitudine del Nilo con la siccità della Argolide. Intertestualità, paradossografia e scoliastica nel quarto libro della <i>Tebaide</i> di Stazio .....	255
CARLO SANTINI	
A possibilidade da liberdade humana nos <i>Anais</i> de Tácito .....	265
ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO	
<i>Epicharis quaedam</i> .....	275
MARIA CRISTINA PIMENTEL	
O destino e a história nas <i>Vidas dos Césares</i> de Suetónio .....	285
JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO	
A ética religiosa e social na Assíria (I milénio a.C.) .....	297
FRANCISCO CAMELO	
O ocaso do Império Ateniense. A batalha por Siracusa 415-413 a.C. ....	301
JOSÉ VARANDAS	
As cerimónias de coroação real dos Ptolomeus. Formas de reconfiguração política num país multimilenar .....	307
JOSÉ DAS CANDEIAS SALES	
Sobre a data da introdução do culto de Mitra em Roma .....	317
PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA	

Em torno da versão portuguesa dos etnónimos do Ocidente peninsular e do nome dos <i>Zoelae</i> em particular .....	329
AMÍLCAR GUERRA	
Ptolomeu, <i>Geogr.</i> II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? .....	343
JOSÉ CARDIM RIBEIRO	
Algumas considerações sobre a onomástica romana na região de Olisipo: os <i>Fabricii</i> .....	381
MARIA MANUELA ALVES DIAS	
CATARINA GASPAR	
Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa .....	389
CARLOS FABIÃO	

## Secção II – Antiguidade Tardia e Idade Média

How to read (and even understand) Cetius Faventinus VI, 4 .....	413
DAVID PANIAGUA	
<i>Los De (sancta) Trinitate de Isidoro de Sevilla</i> .....	419
MARÍA ADELAIDA ANDRÉS SANZ	
O poema astronómico do Rei Sisebuto .....	427
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
<i>Barbarismus y soloecismus</i> en el <i>Liber Glossarum</i> .....	437
JOSÉ CARRACEDO FRAGA	
Apostilla a la composición del códice Paris, BnF, latin 11219 .....	447
MANUEL E. VÁZQUEZ BUJÁN	
O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo .....	455
PAULA BARATA DIAS	
Observaciones iconográficas y filológicas al sarcófago paleocristiano (c. V) de Écija (Antigua Astigi, Sevilla) .....	465
ÁNGEL URBÁN	
<i>Passio</i> de São Sebastião: o poder do discurso martirológico .....	481
MARIA JOÃO TOSCANO RICO	
Existiram Suevos entre os reis Remismundo e Teodomiro? .....	491
RODRIGO FURTADO	
El culto a San Benito en Galicia .....	507
MANUELA DOMINGUEZ	
O culto de S. Tomás de Cantuária em Portugal: um manuscrito de Lorrvão como testemunho e outros indícios .....	517
AIRES A. NASCIMENTO	

## Secção III – Do Renascimento ao Século XVIII

Cuidado da alma e poética da solidão em Francisco Petrarca .....	537
LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS	

D. Duarte, a prudência e a sabedoria . . . . .	551
† TERESA AMADO	
Isaac Abravanel vulto da cultura luso-judaica quatrocentista . . . . .	557
SAUL ANTÓNIO GOMES	
Consonância e Proporção na Arte de Edificar: do Mundo Antigo ao Mundo Moderno . . . . .	563
† VÍTOR MANUEL FERREIRA MORGADO	
Sêneca Revisitado: A Tragédia Quinhentista . . . . .	575
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES	
Uma carta de Jacques Peletier a Pedro Nunes. . . . .	589
BERNARDO MOTA	
HENRIQUE LEITÃO	
Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações). . . . .	601
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	
Fernando Oliveira e Louis Meigret: humanistas, gramáticos e tradutores de Columela . . . . .	611
ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE	
<i>Plus ultra e Sphera Mundi</i> . A propósito do termo <i>imperium</i> em Damião de Góis. Para uma abordagem contrastiva dos humanismos peninsulares . . . . .	619
ANA MARÍA SÁNCHEZ TARRÍO	
Fernão Mendes Irmão Noviço. . . . .	631
LUÍS FILIPE BARRETO	
<i>Loca multum ante descripta</i> Sobre um passo da <i>Menina e moça</i> . . . . .	653
RITA MARNOTO	
El influjo de Juan Luis Vives en Juan Lorenzo Palmireno: ¿ <i>Codex Exceptorius</i> o <i>Codex Excerptorius</i> ? . . . . .	661
JOSÉ MARÍA MAESTRE MAESTRE	
Un caso peculiar de recepción de la obra de Jerónimo . . . . .	683
M.ª ELISA LAGE COTOS	
JOSÉ M. DIAZ DE BUSTAMANTE	
Percurso histórico do código seiscentista do <i>Livro que fala da boa vida</i> . . . . .	699
ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO	
Luís da Cruz no elogio da Rainha Santa: em defesa de Roma, contra os ventos da Reforma . . . . .	707
MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA	
<i>Mores qualitas fabulae</i> Acerca de la función de los caracteres trágicos en la <i>Poética</i> de J.C. Escalígero . . . . .	717
MARÍA NIEVES MUÑOZ MARTÍN	
JOSÉ A. SÁNCHEZ MARÍN	
A Expressão das Relações de Poder no Prólogo da <i>Écloga Gérion</i> de Lucas Pereira . . . . .	727
JOSÉ SÍLVIO MOREIRA FERNANDES	
Vis & vis viva . . . . .	735
RICARDO LOPES COELHO	
Camões e Vieira, na senda de Ovídio . . . . .	745
CARLOS ASCENSO ANDRÉ	

Censura de alguns sermões no processo inquisitorial de Vieira .....	755
MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES	
“As leis da boa e verdadeira retórica” .....	761
ISABEL ALMEIDA	
O Sermão do Padre António Vieira sobre Santo Agostinho (Lisboa, 1648), com um aceno a Daniel Faria .....	769
MÁRIO GARCIA, SJ	
Vieira, consciência crítica da Monarquia Restaurada .....	777
JOSÉ NUNES CARREIRA	
Narratividade mítica da História segundo a epistemologia apocalíptica .....	787
JOSÉ AUGUSTO RAMOS	
Alexandre Magno no imaginário futurista do Padre António Vieira .....	795
ABEL N. PENA	
Roma, 1641: Uma Síntese Argumentativa da Restauração .....	805
ANDRÉ SIMÕES	
Um “ <i>curioso de mãos</i> ”: Tomás Pereira, artífice na Corte de Kangxi (1673-1708) .....	817
CRISTINA COSTA GOMES	
ISABEL MURTA PINA	
Sobre o ensino dos Jesuítas e o caminho para a descoberta das ciências .....	825
MARGARIDA MIRANDA	
Os jesuítas no Japão, precursores do mundo global .....	835
CARLOTA MIRANDA URBANO	
Função e intenção na correspondência enviada pela Rainha D. Mariana Vitória (1718-1781) a seus pais e a seu irmão D. Fernando .....	843
VANDA ANASTÁCIO	

#### Secção IV – Do Século XIX aos Nossos Dias

O <i>Discurso historico e critico...</i> , de D. Francisco Alexandre Lobo: um olhar diferente sobre a vida e a obra de Vieira .....	859
ANA PAULA BANZA	
Vieira, Pascoaes e o Quinto Império .....	869
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL	
Partes da 1.ª representação de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett .....	877
JOÃO DIONÍSIO	
Literatura: uma escola da vida .....	887
MARIA DO CÉU FRAGA	
Vinte horas de leitura: como se fazem romances? .....	893
HELENA CARVALHÃO BUESCU	
A música dos versos – Litanias finisseculares e contemporâneas .....	901
PAULA MORÃO	
Pedro e Inês sob o signo do burlesco .....	915
MANUEL FERRO	

A sedução impressionista de Walter Pater. ....	933
TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA	
Coimbra. O mito da juventude no imaginário de Vergílio Ferreira . . . . .	939
MARIA DO CÉU FIALHO	
Filoctetes no Atlântico. Comentários a <i>The Cure at Troy</i> , de Seamus Heaney . . . . .	949
HELENA DE CARLOS	
O ponto de vista lutuoso em literatura. O caso de <i>Necrophilia</i> , de Jaime Rocha . . . . .	957
MANUEL FRIAS MARTINS	
A Vida Moderna de um Conceito Antigo: Democracia em Portugal no Século XIX. . . . .	965
RUI RAMOS	
“Meninas prendadas” e “fêmeas ambiciosas”: Portugal, Cajal e o papel da mulher na investi gação biológica na primeira metade do século XX. . . . .	989
JOSÉ PEDRO SOUSA DIAS	
O que falta ao mundo de hoje, Humanismo ou Teocracia? . . . . .	1009
RAUL MIGUEL ROSADO FERNANDES	
O tempo do desejo . . . . .	1017
MANUEL J. CARMO FERREIRA	
Ideologia, ideologia. Uma nótula cursiva. . . . .	1023
JOSÉ BARATA-MOURA	
À Mesa da Vida. Comunidade e comensalidade em Michel Henry. . . . .	1035
JOSÉ MARIA SILVA ROSA	
Novamente a(s) Literatura(s), a(s) Arte(s) e a(s) Ciência(s). Apontamentos para um Projecto de Estudo Comparativo . . . . .	1047
ALCINDA PINHEIRO DE SOUSA	
A língua portuguesa e o relativismo linguístico . . . . .	1051
INÊS DUARTE	
Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas . . . . .	1059
CARLOS A. M. GOUVEIA	
Português para Fins Académicos: o que conta na produção do significado? . . . . .	1073
ANTÓNIO AVELAR	
<i>Meminimus quae placidum nobis paruis Arnaldum dictae</i> ou como o latim se tornou clarinho . . . . .	1087
ANA FILIPA ISIDORO DA SILVA	
RICARDO NOBRE	